

**RESUMO:** Este trabalho tem por objetivo estudar o impacto sócio-cultural originado pelo turismo sobre a população nativa, denominada “caiçara”, no litoral norte de São Paulo. O fundamental a ser verificado é a relação estabelecida entre turista e caiçara e o quanto esse fenômeno social transformou-se após a década de 60.

**PALAVRAS-CHAVE:** cultura tradicional, relações sociais, globalização, caiçara, turismo.

## Introdução

Após as décadas de 60 e 70, o cenário natural e social se modificou no litoral norte de São Paulo, principalmente após a construção da BR 101 que liga o Rio de Janeiro a Santos. Esse fato gerou várias conseqüências, tais como: especulação imobiliária, expulsão dos caiçaras de suas terras, turismo predatório e, daí, uma série de alterações sociais, culturais e ambientais. Houve uma progressiva degradação do meio natural: aterro de área de manguezais; poluição do rio e do mar; sujeiras nas praias, etc. Com isso, os caiçaras que viviam da pequena pesca ou pesca artesanal, vêem-se sem seu espaço e a ampliação da pesca industrial predatória contribuiu para a escassez do pescado.

Foi nesse cenário que o encontro com o “estranho”, o “de fora” (turistas, empresários, grandes empreendimentos, turísticos ou não), tornou-se uma seqüência de erros irreparáveis para os caiçaras do litoral norte de São Paulo. Caiçara é a auto denominação para os que nasceram e sempre ocuparam o litoral. O caiçara pode ser visto como categoria que foi gerada pelo próprio sistema de dominação. Portanto, ele ao mesmo

---

\* O presente artigo tem por objetivo apresentar o suporte teórico do projeto de pesquisa “Encontros e desencontros: o turismo e os dois lados da viagem”.

\*\* Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia - F.C.L. -UNESP - 14.800-901 - Araraquara/SP. Orientadora: Profa. Dra. Silvia Maria S. De Carvalho.

tempo está e não está dentro da estrutura capitalista de dominação. Ou seja, os caiçaras são “selvagens de dentro” (Laplantine, 1991), originados a partir da colonização, aparecendo no cenário brasileiro desde o século XVI. São descendentes de índios, brancos<sup>1</sup> e negros. A história do contato sempre foi a do preconceito. Tanto índio quanto caiçara são vistos como preguiçosos, aqueles que não têm tino para negociar.

As análises relacionadas às mudanças sociais ocorridas no meio rural, feitas por Antonio Candido (1964) e mesmo por Florestan Fernandes (1961), são estudos, se é que podemos dizer, que retratam os primeiros momentos da grande transformação das culturas ditas tradicionais no Brasil. A partir dessas análises procuraremos entender, do ponto de vista dos caiçaras, esses primeiros momentos da transformação sócio-cultural ocorrida no litoral norte de São Paulo, para chegar até os dias de hoje, levando em conta as próprias transformações do desenvolvimento brasileiro nessa era de globalização.

## Encontros e desencontros

O presente artigo faz parte da elaboração teórica do projeto de pesquisa para o doutorado apresentado à pós-Graduação em Sociologia. O objetivo geral é o de estudar o impacto sócio-cultural originado pelo turismo sobre a população nativa, denominada “caiçara”, no litoral norte de São Paulo. Na década de 60, devido ao processo implantado pelo governo militar, com máximas como *este é um país que vai pra frente*, ou mesmo o *milagre econômico*, que queria o progresso a qualquer custo, o litoral entra nesse roteiro econômico e começa a ser visto como uma possibilidade de desenvolvimento para a ampliação do capital. A modernidade do litoral dá-se através da construção da BR 101, a Rio-Santos. Em 1974, é inaugurado o primeiro trecho dessa estrada, entre Rio de Janeiro e Ubatuba. Assim, o litoral entra na lei 6.513 de 1977 como uma das áreas especiais de interesse turístico. Paiva (1995, p.78) aponta, em 1973, dois planos turísticos para o litoral: o Projeto de unidades turísticas no litoral norte de São Paulo feito pela FAU (USP) e o Projeto Turis-litoral (Rio/Santos) realizado pela Embratur.

---

<sup>1</sup>. Há caiçaras descendentes de espanhóis e franceses (principalmente em Ilha Bela e São Sebastião) e não apenas de portugueses.

Foi a partir da Rio-Santos que se inicia o genocídio caiçara, assim denominado por Priscila Siqueira (1984) e também por Dalmo Dallari em prefácio do mesmo livro. Com essa estrada vieram os especuladores imobiliários, o turismo predatório, a intensificação da pesca industrial predatória e, obviamente, a destruição do meio ambiente natural litorâneo. Os “grileiros” cercavam terras, colocavam placas (“proibida a entrada” ou “propriedade particular”) e vendiam espaços próprios dos caiçaras. Um verdadeiro roubo às claras e com a conivência dos políticos locais. Milhares de pessoas (turistas) chegaram às praias, a procura do paraíso, ocasionando superlotação; poluição dos rios, do mar e da praia; poluição sonora; custo de vida alto e degradação do mangue, que é o principal ecossistema litorâneo para a reprodução de peixes, aves e, conseqüentemente, do próprio homem litorâneo. Muitos caiçaras foram ameaçados e obrigados a vender ou deixar suas casas à beira mar, pois sentiam-se coagidos por grandes especuladores imobiliários, grandes empresários do turismo.

Priscila Siqueira (1985) aponta vários fatores para o desencadeamento desse processo além da construção da BR 101: a instalação, em São Sebastião, da Petrobrás, que atrai pessoas de outras partes do Brasil; a chegada da transmissão da Rede Globo de televisão em 1965 e a saturação do turismo na baixada santista. Vários problemas sociais começam a surgir, desestruturando antigas relações sociais dos caiçaras. Priscila cita o caso do Juiz de Direito da Comarca de São Sebastião, que também era Juiz de Menores, Manoel de Lima Júnior, que denunciou, em pleno Ano Internacional da Criança, que a idade média das prostitutas dessa cidade variava de 12 a 16 anos. Isso em 1979, conseqüência do crescimento do turismo.

Eclea Bosi (1987, p.17), ao analisar o processo de desenraizamento das culturas tradicionais com a expansão capitalista, observa:

a conquista colonial causa o desenraizamento e morte com a supressão brutal das tradições. A conquista militar também. Mas a dominação econômica de uma região sobre a outra no interior de um país causa a

mesma doença. Age como conquista colonial e militar ao mesmo tempo, destruindo raízes, tornando os nativos estrangeiros em sua própria terra.

Bosi (1987, p.24) analisa como a expansão do modo de produção capitalista absorve as sociedades pré-capitalistas e transforma seus recursos naturais e humanos em mercadoria. Os que viviam relações tradicionais são aproveitados como mão-de-obra.

Também Gioconda Mussolini (1980, p.239), ao estudar os caiçaras do litoral paulista, observa que a organização da pesca em plano capitalista teve como consequência a quebra da organização dos grupos locais e a perda dos elementos de cultura de “folk”. E Antonio Carlos Sant’Anna Diegues (1983), estudando as transformações ocorridas na pesca, esta como setor da divisão social da produção no litoral brasileiro e em especial no litoral paulista, também analisa os processos pelos quais o produtor direto foi sendo gradativamente separado das condições naturais da produção, tornado-se um proletário do mar.

Após a década de 60 houve, portanto, uma invasão turística no litoral norte de São Paulo. Vários bairros, que antes eram habitados somente por caiçaras, viram-se sobrecarregados por estranhos. Esses turistas que anteriormente vinham para passar feriados ou férias, passam a comprar terrenos e a construir suas casas de veraneio (segunda residência), para onde vão uma ou duas vezes ao ano, deixando os caiçaras como caseiros, para limpar e cuidar (“tomar conta”) de suas casas. Às vezes, ficavam mais de seis meses sem dar notícias aos caiçaras, portanto, sem pagá-los pelos serviços prestados. São designados “turistas eventuais”. Mais ou menos em meados da década de 80, passam a morar nos bairros principalmente pessoas aposentadas da capital de São Paulo, iniciando, assim, um contato mais direto com os caiçaras. De turistas, passam a residentes.

Há os turistas de fins de semana, ou de apenas um dia, denominados excursionistas. Eles são pejorativamente chamados de “farofeiros”. São aqueles que moram na periferia de grandes cidades e possuem um poder aquisitivo baixo. Lotam ônibus e, ao chegarem ao litoral, já encontram praias próprias para eles. Nas praias em que residem

turistas com poder aquisitivo alto não entram os pobres, ou entram somente como empregados. Existem lugares apropriados e que foram construídos especialmente para os excursionistas: são chamados de “Terminal Rodoviário” ou, preconceituosamente, “farofódromo”. São freqüentados apenas aos domingos e estão localizados em praias onde não existem, segundo o padrão de beleza de valor turístico, uma natureza exuberante e onde também não haja predominância de turistas ricos. As diferenças de classe social também são visíveis no litoral norte de São Paulo. Os ricos estão segregados em residenciais de luxo `a beira mar, em praias particulares, ilhas particulares e bairros mais luxuosos. Navegam pelo mar e rio com lanchas luxuosas. Em contraposição, há bairros muitos pobres, localizados mais próximos ao morro.

Em Caraguatatuba, foi construído um aglomerado de Colônias de Férias para diversas categorias de trabalhadores de grandes centros urbanos: metalúrgicos, professores, telefônicos, têxteis, bancários, delegados, etc. Com a construção dessas colônias, a faixa de mata atlântica que separava os caiçaras residentes no bairro Porto Novo (local dessas colônias) foi totalmente destruída e a passagem para a praia, dos caiçaras, foi bloqueada devido a construção de muros, tendo os caiçaras que desviar o caminho para mais longe para, assim, ter acesso à praia.

As diferentes categorias de turistas, advindas das mais diferentes camadas sociais, se confrontam, se estranham ou não, com os moradores locais. Há, no litoral, uma invasão anual de pessoas que não querem saber do local ou das pessoas que lá moram. A partir da relação social estabelecida entre os caiçaras e os turistas é que queremos estruturar nossa pesquisa.

O tema nos parece relevante à medida em que é necessário entendermos o processo de transformação social ocorrida no Brasil e que, ao longo desses anos, tomou diferentes formas em diferentes regiões do país. Temos que atentar para o fato de que o turismo, da década de 60 para cá, está tomando diferentes configurações e estabelecendo novas “formas” de relação com as populações locais. Porém, ainda está servindo à lógica a que se destina, qual seja, a do capital. Com sua nova configuração, através do *marketing*, tenta se dar cara nova, travestindo-

se de ecológico, cultural e científico, para ter mais crédito perante a sociedade globalizada..

As dimensões sociais e culturais da mudança, do ponto de vista de quem sofre tais transformações, ainda precisam ser melhor trabalhadas. Pois, para Paiva, o turismo em escala internacional se configura como pertencente ao neoliberalismo. Sem citarmos que o turismo é considerado, dentro do processo de globalização,

como uma das maiores atividades socioeconômicas do século XXI, em virtude da necessidade de integração do homem do futuro à sociedade e consigo mesmo à disponibilidade de tempo. O turismo, como uma forma de lazer, configurar-se-á como atividade da chamada sociedade pós industrial. (Paiva,1995, p.33)

O homem do futuro é aquele que está integrado ao sistema capitalista. E aquele que sempre foi o “não integrado”? Ele continua existindo, como membro de uma cultura, na grande diversidade que é o Brasil, do ponto de vista cultural e social. Como esses atores sociais (caiçara, camponês, índio, negro, quilômbola etc.) vêem esse processo de mudança?

## **O Turismo e os dois lados da viagem**

Um estudo sistemático, voltado para o impacto do turismo no litoral norte de São Paulo, do ponto de vista de suas conseqüências sobre a população local, denominada caiçara, ainda não foi realizado. A relação do caiçara com os turistas ainda não foi analisada, principalmente no que se refere às mudanças sociais sofridas pelos caiçaras, como eles passaram a representar esse outro (turista), o estranho. E, do ponto de vista da população local, como ela vivenciou o processo de transformação ocorrido após a construção da BR 101, que ligou Rio de Janeiro a Santos? E, como vivenciam a invasão cada vez maior de turistas em seus locais de trabalho e de moradia, atualmente quase que o ano inteiro?

Há vários trabalhos de Ecologia e de Geografia que estudam o

Estudos mais recentes já apontam o impacto do turismo ecológico sobre o ambiente e a população, como o de Figueiredo, que analisou as modificações culturais em Soure (Pará), ocorridas devido à exploração do turismo ecológico. Explicando sobre a relação entre cultura e turismo, ele vê o “turismo como um agente externo e que, ao se instalar e desenvolver, impactua o núcleo receptor em diversas frentes, entre elas a da própria cultura do local”. Portanto, ele analisa o turismo como um “agente modificador da cultura.” Guattari (1995), preocupado com as transformações no mundo e a relação dos homens entre si e deles com o meio ambiente natural, cósmico, reflete também a relação da subjetividade com a exterioridade e “o turismo, por exemplo, se resume quase sempre a uma viagem sem sair do lugar, no seio das mesmas redundâncias de imagens e comportamentos” (Guattari, p. 8).

Os autores acima citados nos serviram de base para entender as discussões sobre o impacto do turismo no ambiente físico e social e localizá-los como temas relevantes para uma pesquisa. Nossas reflexões sobre as relações sociais estabelecidas entre o turista e o caiçara irão em direção às de Martins (1993, p.63), quando analisa a questão do impacto de grandes projetos sobre as populações indígenas e camponesas. Diz ele que:

...os projetos se materializam em obras que se apresentam diante de indígenas e camponeses através de pessoas diferentes e de relações sociais novas. Mesmo velhas relações sociais são substancialmente alteradas, embora mantenham a forma exterior. Indígenas e camponeses não ficam ‘fora’ dessas relações. São por elas envolvidos de algum modo, geralmente numa relação de alteridade. A reciprocidade do impacto se manifesta na constituição do ‘outro’, que passa a mediar as relações sociais para cada grupo envolvido no desenvolvimento desse encontro.

O mesmo autor afirma: “o nós torna-se o outro e se torna contra nós.” Martins (1993, p.22) realça que esse impacto produz aniquilamento

pela integração e assimilação, provocando até o aniquilamento físico. E ainda, que

não se trata de **introduzir** nada na vida dessas populações, mas de tirar-lhes o que tem de vital para sua sobrevivência, não só econômica: terras e territórios, meios e condições de existência material, social, cultural e política. É como se elas não existissem ou, existindo, não tivessem direito ao reconhecimento de sua humanidade.

A partir desse pressuposto, iremos analisar as relações sociais estabelecidas entre as duas culturas (turista/caiçara) e o grau de assimilação entre ambas, principalmente do ponto de vista da população local, levando-se em conta também as mudanças sociais e culturais ocorridas nesse processo do encontro ou desencontro, como diz Martins.

O turismo deve ser aqui analisado como uma face do capitalismo (internacionalização do capital), como sugere Paiva (1995,p.10) e como consumo de massa que serve a ideologia capitalista através do *marketing* turístico:

...da comercialização do turismo transcende o campo das motivações porque, diretamente influenciado pela ideologia capitalista, o turismo e, notadamente, o significado das viagens transfiguram-se. Ora, a forma inicial da consciência é a alienação. Como uma sua primeira manifestação da consciência futura. O sistema que cerca as viagens aparece com um dado real, ordenação de representações, bem como a produção de sua existência. Na verdade, essa imagem não faz sentido, a não ser a lógica a que serve.

A discussão atual em relação ao turismo vai em direção ao turismo ecológico e suas vantagens em contraposição ao predatório, como uma forma de praticar o turismo sem degradar o meio ambiente, principalmente. Não será essa uma outra faceta do capitalismo, adaptando-se às novas tendências da moda mundial, ou seja, à marcação cerrada dos ecologistas?



O turismo ecológico geralmente é realizado por particulares, porém há experiências, principalmente no Ceará, de iniciativa de moradores locais que não admitem que os “de fora” se estabeleçam no local. Eles próprios administram o turismo ecológico em sua comunidade e não aceitam que nenhum estranho fixe residência em sua área.<sup>2</sup>

O processo de “integração” e “assimilação” (Martins,1993, p.62) tem várias faces, não somente a de engolir o outro, destruindo-o, mas também de inserí-lo no contexto da modernidade, convencendo-o a dispor de seus produtos culturais como mercadoria. Como a dizer: “já que não posso destruí-lo, junte-se a nós!”

Canclini (1983) analisou muito bem as culturas populares no capitalismo, tema muito pertinente na atual discussão sobre globalização. Esse autor (Canclini, 1983, p.69) diz:

...também no discurso turístico e nos números percebemos a importância que possuem o artesanato e as festas populares em termos do desenvolvimento atual. Como atração econômica e de lazer, como instrumento ideológico, a cultura popular tradicional serve à reprodução do capital e da cultura hegemônica. Esta a admite, e dela necessita, como uma adversária que a consolida, que evidencia a sua ‘superioridade’ como um lugar onde se vai para obter lucro fácil, e também a certeza de que o merecemos porque, afinal de contas, a história termina conosco.

Bosi (1987,p.24), ao analisar o processo de desenraizamento ocorrido com sociedades denominadas pré-capitalistas, observa:

os valores antigos, religiosos, artísticos, morais, lúdicos, que o capitalismo encontra, são consumidos até o osso e transformados em mercadoria para turismo, propaganda para TV... São rebaixados a

---

<sup>2</sup>. Comunicação feita por um líder dessa comunidade no 2º Encontro Internacional dos Povos do Mar e da Mata Atlântica (de 09 a 12 de setembro de 1998).

objetos de curiosidade do espectador urbano.

No processo de globalização, esses temas anteriormente trabalhados por Canclini (1983) e por Bosi (1987) e muitos outros, continuam hoje pertinentes. Pois, como num contínuo, o capitalismo vai se transformando. Robins (1995, p.86-7), ao escrever sobre “Cultura Global”, também insere essa discussão ao constatar que

se a criação de produtos culturais padronizados mundialmente é uma estratégia chave, o processo de globalização é, de fato, mais complexo e diverso. Na realidade, não é possível erradicar ou transcender a diferença. Aqui, novamente, o princípio da equidistância prevalece: o talentoso conglomerado global explora a diferença local e a particularidade. Produtos culturais de todas as partes do mundo são reunidos e transformados em mercadorias para um novo local de mercado ‘cosmopolita’: música e turismo mundiais, artes, moda e culinária étnicas, literatura e cinema do terceiro mundo. O local e o ‘exótico’ são arrancados do lugar e do tempo para serem reempacotados para o bazar mundial... no interior da arena global as economias e culturas são lançadas em um intenso e imediato contato uma com as outras - com cada ‘Outro’ (um ‘Outro’ que não mais está ‘lá fora’ simplesmente, mas que está dentro também).

Ianni (1995, p.99) chama esse processo de “desterritorialização” e afirma que ele

está evidente no vasto espaço do mercado, na ampla circulação de idéias, na intensa movimentação das pessoas. O turismo e o território são ingredientes desse processo, conferindo a muitos a impressão de que as coisas, pessoas e idéias desenraizam-se periódica ou permanentemente. A mídia impressa, como as outras visuais e a eletrônica, criam mundos imaginários, no

sentido de que propiciam a criação de uma pluralidade de concepções de globo.

Desde o processo de “crescimento” econômico brasileiro, que teve um acelerado desenvolvimento após as décadas de 60, houve uma completa descaracterização das culturas ditas tradicionais. Porém, ainda se faz necessária uma discussão para melhor compreendermos as diferenças culturais e sociais existentes no Brasil, vistas do ângulo de quem sofre o impacto do novo. Somente assim ampliaremos nosso campo de análise e de compreensão da identidade brasileira. Pois a homogeneização pretendida pela globalização parece perigosa num país como o nosso, em que as diversidades existentes e persistentes, principalmente as culturais, estabelecem limites e apontam outros campos de leitura para os cientistas sociais.

Giddens analisa o *ritmo da mudança* como acelerado na modernidade e o *escopo da mudança*, como gerando transformação em toda a superfície da terra. E, conseqüentemente, ocasionando “desencaixe” das sociedades locais. Por desencaixe, o autor entende “deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espço” (Giddens, 1991, p.29).

Mesmo ocorrendo “desencaixe” das sociedades ditas tradicionais, há ainda “fronteiras” estabelecidas entre o invasor e o que sofre a invasão. Não me refiro aqui à fronteira física (geográfica), mas à “fronteira humana”, a que Martins (1997) identifica como a fronteira na qual se estabelece o conflito. A nosso ver, as vezes esses conflitos não são facilmente detectáveis. Sendo assim, Martins (1997, p.150-1) conceitua fronteira como

o lugar de descoberta do outro e de desencontro. Não só o desencontro e o conflito decorrentes das diferentes concepções de vida e visões de mundo de cada um desses grupos humanos. O desencontro na fronteira é o desencontro de temporalidades históricas, pois cada um desses grupos está situado diversamente no tempo da História. Por isso, a fronteira tem sido cenário de encontros extremamente similares aos de

Colombo com os índios da América: as narrativas das testemunhas de hoje, cinco séculos depois, nos falam das mesmas recíprocas visões e concepções do outro.

A comunidade que o capitalismo não consegue destruir acaba tendo sua cultura transformada por ele em mercadoria. O que há nesse processo é transformação e inserção de elementos novos, mas não destruição total. No caso dos caiçaras, apesar do *marketing* e da comercialização da cultura, as transformações irão, de uma forma ou de outra, reforçar sua identidade com traços da modernidade, mas ainda assim caiçara.

Parece-nos que essa identidade reforçada poderá fazer com que o próprio caiçara reconstrua outras facetas de sua cultura, parcialmente relegadas ao esquecimento. Mesmo que isso aconteça em função do turismo, essa redescoberta pode trazer à tona a diferença que torna a cultura caiçara única em relação ao “outro” que a “engole”.

## **Considerações finais**

Portanto, a questão fundamental a ser averiguada é a de que, nos interstícios do processo de globalização como mais uma face do desenvolvimento do capital, culturas ditas tradicionais vão reforçando sua identidade. A cultura “resgatada”, ou melhor, reinterpretada, obviamente não é a mesma de outrora, mas aventamos a hipótese dela conseguir guardar o que tinha de mais importante, revestindo-o do novo. O que o que chamamos de “mais importante” são justamente os valores que caracterizavam os caiçaras como comunidade. Nesse sentido, trata-se de valorização do aspecto local e até regional em relação ao global. Ambos se entrelaçam com o aspecto global, formando uma trama, na que fica difícil localizar as sobreposições. Pois, para Robins (1995, p.89), “é importante não desvalorizar a vitalidade sentida e percebida das culturas e identidades locais.” Em uma linguagem universal, o tradicional, de diferentes países, vai penetrando pelas frestas do capitalismo, revestido de novo e globalizado, mas mesmo assim peculiar de uma determinada sociedade. Travestida (estilizada) de moderna, a cultura dita tradicional ainda firma sua posição na brecha da sociedade pós-moderna, pós-industrial, globalizada. Num mundo desencantado com a “perda da aura”,

ainda há a possibilidade de inverter o corpo do “anjo da história” que é arrebatado para a frente pelo vento do progresso, uma vez que sua cabeça<sup>3</sup> se volta para trás.

## Referências Bibliográficas

- BOSI, E. Cultura e desenraizamento. In: BOSI, A. (Org.). *Cultura Brasileira*. São Paulo: Ática, 1987.
- CANCLINI, N. G. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CANDIDO, A. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação de seus meios de vida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.
- DIEGUES, A. C. S. *Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar*. São Paulo: Ática, 1983.
- FERNANDES, F. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. São Paulo: Anambi, 1961.
- GUATTARI, F. *As três ecologias*. Campinas/SP: Papyrus Editora, 1995.
- GIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Ed. Universidade Estadual Paulista, 1991.
- IANNI, O. “A desterritorialização”. *A sociedade global*. 3a. Ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1995.
- LAPLANTINE, F. *Aprender antropologia*. São Paulo: 5 ed. Ed. Hucitec, 1986.
- MARTINS, J. S. *A chegada do estranho*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1993.
- MARTINS, J. S. *Fronteira: a degradação do Outro nos confins do*

---

<sup>3</sup> Estou me referindo ao “Conceito de História” de Walter Benjamim, que utiliza-se do quadro de Paul Kee, Angelus Novus, como metáfora do momento histórico em que ele estava vivendo.

- humano. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997.
- MENDONÇA, R. Turismo ou meio ambiente: uma falsa oposição? In: LEMOS, A. I. (Org.). *Turismo: impactos socioambientais*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996.
- MIDAGLIA, C. L. V. Turismo e meio ambiente no litoral paulista: dinâmica da balneabilidade nas praias. In: LEMOS, A. I. (Org.). *Turismo: impactos socioambientais*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- MUSSOLINI, G. Cultura Caiçara. *Ensaio de antropologia indígena e caiçara*. São Paulo: Paz e Terra, 1980.
- PAIVA, M. G. M. V. *Sociologia do turismo*. Coleção Turismo, 2a. Ed. Campinas/SP: Papyrus Editora, 1995.
- PONTES, B. M. O & QUEIROZ, O. T. M. M. (Re) arranjo de Iguape e Ilha Comprida sob o advento do turismo e da exploração dos recursos naturais. In: LEMOS, A. I. (Org.). *Turismo: impactos socioambientais*. São Paulo: Ed. Hucitec,
- ROBINS, K. Cultura global. In: HALL, S. *A questão da identidade cultural*. Textos didáticos. Campinas/SP: IFCH/UNICAMP/SP, 1995.
- SIQUEIRA, P. *Genocídio dos caiçaras*. São Paulo: Massao Ohno, 1984.
- SIQUEIRA, P. Turismo ameaça cultura caiçara. *Pau Brasil*. São Paulo: DAEE, jan./fev., 1985.
- TOMÁS, P. A. S. Las implicaciones socioculturales del turismo en el mar Mediterráneo. In: LEMOS, A. I. (Org.). *Turismo: impactos socioambientais*. São Paulo: Ed. Hucitec,

## **Bibliografia Consultada**

- CEBALLOS-LASCURÁIN, H. O ecoturismo como um fenômeno mundial. In: Lindberg, K. & Furlan, S. A. Unidade de conservação

insular: considerações sobre a dinâmica insular, planos de manejo e turismo ambiental. In: Lemos, A. I. G., org. *Turismo: impactos socioambientais*. São Paulo: Hucitec, 1996.

KRIPPENDORF, J. *Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

RODRIGUES, A. B. (Org.). *Turismo e ambiente : reflexões e propostas*. São Paulo: Hucitec, 1997.

RODRIGUES, A. *Turismo e desenvolvimento local*. São Paulo: Hucitec, 1997.

TRIGO, L. G. G. *Turismo e qualidade: tendências contemporâneas*. 2a. Ed.. Campinas/São Paulo: Papirus Editora, 1996.